

DOS RESGUARDOS À CAÇADA: PROCESSOS DE APRENDIZAGENS DOS GAVIÃO PYHCOP CATIJI

Data de aceite: 28/03/2023

Karitânia dos Santos Araújo
PPGS/UFMA

Emilene Leite de Sousa
PPGS/UFMA

RESUMO: Este artigo etnográfico analisa os processos de aprendizagens do povo Gavião/Pyhcop Catiji do Maranhão. Para tanto, elegemos os resguardos e a caçada como fonte de análise. Ancoradas nos termos nativos *manpex* e *ahimpex*, partimos da concepção de como se aprende entre os Gavião: o primeiro termo designa a aprendizagem baseada na transmissão do conhecimento via oralidade; o segundo está fundamentado nos processos de aprendizagem por meio da experiência e dos sentidos. A fim de subsidiar as discussões utilizamos as propostas analíticas de Fredrik Barth (2000) e de Tim Ingold (2000, 2008, 2015). O saber-ouvir e o saber-fazer estão

entrelaçados e o se tornar Gavião passa pela transmissão de conhecimentos a partir da oralidade e pela experimentação através dos contextos de aprendizagem. Estas duas formas de aprender coexistem nos mais variados espaços da aldeia experimentando um mundo onde os Gavião criam e recriam suas habilidades “construindo pessoas”.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagens. Oralidade. Experiência. Gavião Pyhcop Catiji.

APRESENTAÇÃO¹

Esse artigo resulta de uma pesquisa elaborada na contramão da epistemologia do pensamento colonial. Para tanto, partimos de categorias e problemáticas de uma Antropologia decolonizadora que pretende valorizar os processos próprios de aprendizagens e pedagogias nativas do povo Gavião *Pyhcop Catiji*².

1. Agradecemos à FAPEMA e à CAPES pelo financiamento de nossas pesquisas que, por sua vez, relacionam-se com as reflexões que aqui apresentamos.

2. Os Gavião *Pyhcop Catiji* fazem parte de um coletivo indígena do tronco linguístico Macro-Jê, da família linguística Timbira. Eles se autodenominam como *Pyhcop Catiji*, tendo sido o etnônimo Gavião atribuído pelos não indígenas. A Terra Indígena Governador fica situada no Sudoeste do Maranhão, no município de Amarante, tendo sido demarcada em 1978 e homologada em 1982. Os Gavião vivem em 14 aldeias somando uma população de aproximadamente 903 pessoas.

Durante a pesquisa descobrimos que os Gavião contam com duas formas básicas de aprender e ensinar: a primeira é baseada na transmissão de conhecimento via oralidade, realizada sempre por um ancião, que transmite para as gerações mais jovens, fazendo assim a manutenção e a circulação do conhecimento. A segunda está fundamentada na construção da pessoa através dos processos de aprendizagem que marcam sua corporeidade, aprendizagens estas que são contextualizadas nos mais variados espaços da aldeia, inclusive na escola, experimentando um mundo onde eles criam e recriam suas habilidades.

Essas duas pedagogias nativas que perpassam todo o processo de aprendizagem e ensino dessa comunidade – oralidade e experiência – estão erguidas aqui sob os ombros da Antropologia nos estudos de etnologia indígena, através da análise dos processos de fabricação dos corpos na construção da pessoa indígena (SEEGER et AL, 1979; RODRIGUES, 2006; MAUSS 2003, SOUSA 2016, 2017). No caso Gavião, um *me'hēeh*, ou seja, quando sua condição humana se configura em um corpo duro (Melo, 2017).

A partir disso, manipulamos as categorias analíticas de transmissão de conhecimento de Fredrik Barth (2000) e de ecologia da vida de Tim Ingold (2000, 2008, 2015), em um diálogo ousado a fim de subsidiar as discussões sobre os processos próprios de aprendizagem.

Nesse contexto trilhamos o caminho da Antropologia que, segundo Ingold (2015) “– é um modo inquisitivo de habitar o mundo, de estar com, caracterizado pelo “olhar enviesado” da atitude comparativa – é ela mesma uma prática de observação baseada no diálogo participativo”. Esse “estar com”, na verdade, é “estar com” e “estar entre eles”, pois são eles os colaboradores principais com os quais trabalhamos, colocando em prática o trabalho de campo, que é a ferramenta principal da pesquisa etnográfica.

Durante a pesquisa de campo utilizamos a técnica da observação direta e participante. Os dados foram produzidos a partir de conversas informais, entrevistas com uso de roteiros semiestruturados, registro fotográfico e audiovisual e registros em diário e caderno de campo.

Ao questionarmos os Gavião sobre como se escrevia no idioma nativo “ensinando pessoas”, eles traduziram de duas formas. A primeira delas é o termo *mampex*, que significa melhorar e consertar. E a segunda tradução para o termo foi *ahimpex* que significa ensinar. Por fim, entendemos que *mampex* é como uma ação contínua, por meio dos seus processos próprios de aprendizagens, que são marcados no corpo, através dos rituais, dos resguardos e proibições, que tem por finalidade construir um corpo forte, tendo como recurso principal de aprendizagem a transmissão via oralidade, através dos anciãos e

daqueles que já passaram por esses mesmos processos. Consiste, pois, no saber-ouvir. Já *ahimpex* é o aprendizado das tarefas mais cotidianas, que necessitam de habilidades e treinamento, é o saber-fazer, são as aprendizagens corporais que se constituem através dos sentidos e perícias que desenvolvem (ARAÚJO, 2021).

Entendemos que essas duas formas de aprender estão entrelaçadas uma vez que se aprende pela transmissão de conhecimentos – a partir da memória e narrativa dos mais velhos – e pela experimentação através dos sentidos.

Neste artigo escolhemos para análise os resguardos como aquelas aprendizagens que dizem respeito à oralidade dos mais velhos, portanto, o que classificamos nos termos nativos como *mampex*; e a caçada como aprendizagens classificadas sob o termo *ahimpex* cuja essência está no saber-fazer construído por meio da experiência em vez da oralidade. Todavia essa distinção é meramente didática, ao longo do texto revelaremos que estas aprendizagens se emaranham em seus processos muitas vezes correndo por meio da oralidade e da experiência simultaneamente.

Fazemos algumas ressalvas à literatura das ciências sociais que se dedica às análises da aprendizagem ou da produção e transmissão do conhecimento, pois essa tende a trabalhar com uma dicotomia que opõe a oralidade à experiência. As ciências sociais por muitas vezes negaram a produção ou transmissão do conhecimento por meio da percepção sensorial, neste processo a oralidade assumia um papel central não havendo espaço para a experiência. Até Ingold (2000) propor que a produção de aprendizagens se dá a partir da ecologia da vida, da percepção sensorial, e da contextualização da aprendizagem, nas relações entre organismos e o meio em que habitam, na tentativa de encerrar a dicotomia entre pessoa/organismo e sociedade/natureza. Essa visão relacional do organismo proposta por Ingold (2000, 2008) está ancorada pela experiência proporcionada pelos sentidos, que tem a capacidade de treinar o corpo para receber os processos de aprendizagens determinados pelos seus ambientes. Assim, acreditamos que os processos de aprendizagem, fundamentados na percepção do ambiente e da paisagem, são transmitidos pelos Gavião via oralidade ao mesmo tempo em que são aprendidos/produzidos via experiência, desconstruindo a ideia de que oralidade e experiência são excludentes.

A transmissão do conhecimento indígena não se dá de forma independente. Para que ela ocorra é necessário que a coletividade esteja envolvida, sejam estes seres humanos ou não-humanos. Entre os Gavião, para que isso aconteça, é necessário incorporar a experiência através da escuta (oralidade). Esses processos que envolvem a fala/escuta e a prática através da experiência podem, na sua transmissão, produzir algo novo, pois consideramos que não são processos excludentes, pelo contrário, são um *continuum*.

PROCESSOS DE APRENDIZAGENS DO POVO GAVIÃO PYHCOP CATIJI

Habitantes das florestas, os Gavião *Pyhcop Catiji* produzem uma gama de conhecimentos, experiências e aprendizagens que mapeamos e analisamos exaustivamente. Como reflexo das suas relações ecológicas confeccionam suas formas de conhecer, inspiradas na simbiose: organismo e ambiente. É a partir dessa perspectiva que os indígenas criaram e criam suas representações de mundo, através de símbolos e fenômenos, construindo sua organização social, dando sentido ao mundo e às suas práticas.

Em um regime de coletividade, os indígenas constroem suas aprendizagens num processo oposto ao nosso, como destaca Giralдин (2018, p. 193): “entre os Timbira o processo se dá mais no sentido inverso: tudo se passa em processo de aprender e ensinar”. As pessoas se dispõem a aprender, então o mestre se dispõe a ensinar (GIRALDIN, 2018).

Essa configuração social tem resistido até hoje graças aos anciãos. Foram eles que transmitiram ao longo dos séculos, uma variedade de conhecimentos necessários para a vida em comunidade. É utilizada para essa transmissão de conhecimentos a pedagogia da contação de histórias, ensinando sempre – aos que desejam aprender – tudo o que eles precisam saber para que se constituam como ser Gavião. Essa devoção dos indígenas pela figura do ancião reside no conhecimento que ele adquiriu através das experiências sensoriais que acumulou ao longo da vida. Além de já terem passado por todas as etapas da fabricação da pessoa e já possuir um corpo duro (MELO, 2017), condição *sine qua non* se é um sábio e educador de sua comunidade.

Entretanto, os processos de aprendizagens Gavião vão além da transmissão de conhecimentos via oralidade, eles são construídos também a partir de experiências no corpo e através do corpo, utilizando os sentidos. Entrelaçadas, essas duas formas de aprender compõem o arcabouço dos processos de aprendizagens do povo Gavião.

Estes processos são realizados pela família, sábios, cantores, caçadores, *hy'ca'hur*, *hōoxyh*³ e professores, sendo todos esses atores sociais peças imprescindíveis para a manutenção e reprodução dos conhecimentos e das aprendizagens indígenas. Entre os Gavião os processos de aprendizagem estão ligados às manifestações de fenômenos espirituais, à divisão dos papéis sociais, laços de parentesco, hierarquia, à importância do indivíduo na vida pública, à divisão social do trabalho, o lugar dos indivíduos na estrutura social e à circulação de indígenas de outras etnias.

3. *Hy'ca'hur* e *hōoxyh* são termos em Gavião que equivalem respectivamente a curandeiro e feiticeiro.

“A GENTE APRENDE NO CORPO”: DOS RESGUARDOS

Os resguardos do povo Gavião são algumas das formas mais eficazes de se aprender no corpo e estão presentes nos momentos de preparação, seja para receber ou para retirar algo do corpo ou do espírito. Segundo Belizário Gavião (2017) existem quatorze tipos de resguardos:

Quando a mulher menstrua; Quando a mulher engravida; Quando nasce uma criança; Quando uma criança tiver febre, gripe ou sapinho na boca; Quando alguém pega laschimaniose, passa por uma cirurgia ou é picado de cobra; Quando alguém planta roça; Quando estiverem presos no ceveiro, quando se fura a orelha e quando se pretende ser um bom atleta; Quando mata cachorro, gato ou uma pessoa. (GAVIÃO 2017, p. 109)

Destes, pudemos acompanhar o resguardo da gravidez e do nascimento da criança. Quando uma mulher engravida é iniciado um processo de ensinamento sobre o cuidado com a fabricação desse novo ser, incluindo um conjunto de resguardos que o casal deve realizar até que a criança esteja, nas palavras deles, “durinha”. Durante todo esse processo os mais velhos acompanham esses novos pais no intuito de não infringirem nenhuma regra, pois a saúde e a vida desse novo Gavião dependem do cumprimento destas. “A partir do momento que os pais descobrem que sua filha está grávida, eles passam então a ter responsabilidade de ensinar para a menina o que pode e o que não pode comer e fazer durante a gravidez” (GAVIÃO 2017, p. 109).

A mulher grávida é orientada a acordar cedo para tomar banho, a fim de que a criança seja esperta, ela não deve nunca ficar triste, para que a criança não seja triste e não pode comer animais que vivem em tocas, pois isso poderá trazer complicações na hora do parto. É proibido comer carne de macaco e guariba, pois são considerados bichos doidos e não pode comer aves que cantam alto, sob pena do bebê ser chorão. A partir do oitavo mês de gravidez é proibido ter relação sexual, essa proibição se segue até que a criança comece a caminhar.

Quando a criança nasce, é proibido aos pais qualquer tipo de contato físico, não podem abraçar nem se relacionar sexualmente. A quebra desta regra resultará em uma criança doente, que está sempre acometida de diarreia, vômitos e febre. Nessa fase pós-parto os pais irão realizar os resguardos juntos.

O casal não pode receber raios solares, ficando sempre dentro de casa, nem fazer trabalhos domésticos, tendo sempre alguém da família para realizar essas tarefas. Só pode se alimentar de mingau de arroz sem sal, farinha seca e carne de sol, também é proibido o consumo de bebidas alcoólicas.

Se um dos pais ou algum familiar estiver com a criança no colo e encontrar uma cobra não pode matá-la, a orientação é para se desviar. A quebra dessa regra trará como consequência tormentos do *caroõ* (espírito) da criança pelo *caroõ* (espírito) da cobra. As consequências também se estenderão aos pais, porém a longo prazo, os desvios e quebras desses resguardos deixarão os pais com os cabelos brancos antes de completarem cinquenta anos, terão dores de cabeça e queda de cabelo. GAVIÃO (2017, p. 118) esclarece que “em todo o processo de resguardo passamos por um sacrifício danado às vezes sentimos fome, sono, mais passamos por isso pelo bem dos nossos filhos, irmãos, irmãs e pais”.

Interessante notarmos que os processos de aprendizagens que envolvem os resguardos são sempre aprendizagens individualizadas e que só são transmitidas conforme haja a necessidade, através de um sacrifício, de conseguir os resultados esperados, seja para o corpo ou para o espírito. Entretanto, a fala de Belizário Gavião revela que, apesar de individualizadas, essas aprendizagens são construídas pensando no coletivo. Os resguardos, nesse sentido, podem ser vivenciados para seu próprio bem-estar ou para o bem-estar do outro.

A transmissão destes conhecimentos ocorre por meio dos pais ou das pessoas mais velhas da família, que já os incorporaram através da experiência. Isso não exclui a possibilidade de aprenderem ouvindo as histórias que circulam na aldeia, quando alguém é acometido de algum desses males do corpo ou do espírito. Belizário Gavião (entrevista em 2021) revelou que foi acometido de leishmaniose e que as crianças caçoavam dele dizendo que agora ele ia comer só arroz branco e remédio do mato até ficar bom. Percebemos aqui que as crianças possuíam informações sobre o resguardo que ele cumpria, notícias que são circuladas na aldeia construindo aprendizagens, neste caso um aprender pela oralidade e não pela incorporação.

“A GENTE APRENDIA NO CORPO: CASTIGOS FÍSICOS”

Uma das frases mais repetidas durante as entrevistas era: “no tempo antigo” ou “no tempo em que eu era criança acontecia dessa forma”. É notório que o povo Gavião está na fronteira entre dois mundos, o mundo Gavião e o mundo do não-indígena, que tem sido muito mais atrativo, muito mais convidativo, entre os jovens que estão mais voltados à tecnologia e ao trabalho remunerado da cidade do que à vida tradicional na aldeia. A tudo isso se junta o agravante de que os mais velhos estão morrendo – levando consigo bastante do conhecimento tradicional – e os mais jovens conhecem pouco sobre seu passado, de modo que uma parte da história dos Gavião está se perdendo ou se ressignificando. Segundo

Bandeira Gavião (entrevista em 2021): “no meu tempo de criança e adolescente minha formação na cultura era bem diferente da formação que essas crianças recebem hoje”.

Traremos, pois, sobre como as crianças passavam pelo processo de construção do corpo até a década de noventa: todos os dias elas eram acordadas entre 5 e 6 horas, pelo chefe do pátio⁴, para uma espécie de conselho, onde era ensinada uma série de regras que seriam úteis para a vida na aldeia. Elas aprendiam a ter respeito pelos mais velhos e as regras de comportamento em casa, com o meio ambiente e os cuidados consigo mesmo.

A primeira atividade ao levantar era tomar banho para tirar o “efeito do escuro”, quando uma das crianças não aparecia no pátio para tomar banho no riacho e receber os ensinamentos era castigado. Já quem corresse na frente e chegasse primeiro era considerado esperto e era observado para que se tornasse um futuro líder de seu povo. As crianças consideradas rebeldes eram castigadas e o mais interessante é que todas as demais crianças também seriam castigadas, construindo um senso de coletividade.

Os castigos eram variados, algumas vezes apanhavam do olho da folha do babaçu, aplicavam gengibre no olho da criança e quando era muito teimoso e repetia os erros, os castigos eram mais severos podendo a criança receber chicotadas de tiririca e até mesmo serem colocados em uma forquilha, amarrados de braços abertos. Tudo isso para crescer forte e obediente e se tornar um guerreiro e não ter medo de nada.

Sobre os castigos, Bandeira Gavião relatou:

O que mais dói é a folha de buriti. Tira só o talo mais dói e aí todo mundo ganha essa chibatada, ninguém escapa, é para você ficar forte você tem que ficar primeiro, sempre você tem que ficar na frente aí eu fui incentivado assim, quando foi tiririca eu fui primeiro aí me rasgaram muito, fiquei bem três dias de cama, senti isso na pele. (BANDEIRA GAVIÃO, 2021).

Ainda existe o chefe do pátio, porém, Bandeira Gavião (2021) destacou que hoje os ensinamentos são diferentes de antigamente, hoje os pais têm ciúmes dos seus filhos e não deixam mais que outras pessoas corrijam. Entre o povo Gavião não existe mais essa cerimônia diária de ir ao pátio receber ensinamentos nem de tomar banho cedinho. Os castigos são realizados essencialmente pela família, quando essa achar extremamente necessário. As aprendizagens e ensinamentos seguem em outra direção.

Segundo Mãpau Gavião (2021), na Aldeia Riachinho, onde residia, essas práticas foram realizadas até o ano de 1992. Ela revelou ainda que, em reunião com a sua atual comunidade, Aldeia Monte Alegre, foi decidido pelo retorno dos castigos físicos e punições no pátio. Nessa reunião já foi escolhido o *paheh* do pátio – também conhecido como

4. O chefe do pátio é um educador por excelência, a ele era dado, por todos da comunidade, os poderes para castigar e admoestar as crianças.

chamador do pátio – e responsável por aplicar essas aprendizagens no corpo, caso haja a necessidade.

Questionamos Irene Mãpau Gavião sobre o motivo do retorno dessas práticas e ela prontamente me respondeu: “os mais jovens não obedecem às pessoas mais velhas, são muito teimosos e é por isso que hoje em dia acontece muita coisa ruim”. Irene atribui desvios de comportamento, falta de interesse pela cultura, doenças e até mesmo a morte pela falta de respeito aos mais velhos. Ela ainda disse “eu fui ensinada assim e ainda tou aqui vivinha” (entrevista, 2021).

O aprender e ensinar se constroem nesse sistema dialógico entre aqueles que já passaram pelos resguardos e já vivenciaram esses processos, anciãos, pais, parentes. Estes orientam a todo o momento e em alguns casos, vigiam para que não ocorra um desequilíbrio e o objetivo não seja atingido ou ocorra um desfecho trágico, como a morte de uma criança, de um caçador ou de um doente. Ressaltamos ainda que, para além de efeitos temporais, a quebra dos resguardos pode desencadear consequências sobrenaturais.

Aqui intentamos demonstrar como esses resguardos são incorporados através da experiência, de uma forma particular e os resultados dependerão exclusivamente do modo como o indivíduo seguirá as dietas alimentares e sexuais. Assim, podemos afirmar que os resguardos, através da oralidade e, em alguns casos, da vigília, constroem processos de aprendizagens que precisam ser experienciados, construídos no corpo. A experiência de ter vivido ou passado por um resguardo específico é o que habilita a transmitir esse conhecimento entre os Gavião.

Barth (2000) nos apresenta uma modalidade de transmissão do conhecimento que se realiza em Bali, entre guru e comunidade. Para o guru só há mérito no conhecimento se você o ensina a alguém. Cabe ao guru a tarefa de “instruir e ensinar o público e de formar um grupo de discípulos, sucessores em potencial” (BARTH, 2000 p.145). O conhecimento não é algo estático, está sempre em movimento e conforme a teia de relações sociais ele se expande, se modifica e se reproduz. Segundo Barth (2000, p. 47) “o conhecimento como modalidade da cultura, por sua vez, é moldado por processos de reprodução e de fluxo: é ensinado, aprendido, emprestado e criado”. No contexto da análise das transformações culturais Gavião, o conhecimento construído do passado se mantém como saber tradicional e se reformula criando aprendizagens. Assim, o conhecimento segue um fluxo contínuo, sendo os modos de conhecer ameríndios pautados na experimentação e na integração entre organismo e o meio em que vivem.

A CAÇADA

Nesta prática tão cotidiana entre os povos indígenas podemos observar uma série de aprendizagens e ensinamentos que podem ser construídos, a começar pelo desenvolvimento dos sentidos. Os pais começam a levar seus filhos homens para as caçadas e pescarias desde quando estão seguros o suficiente para começar esse processo de aprender e ensinar, o que varia entre dez e quinze anos “depende muito da esperteza do garoto”. Caçar não é algo que se aprende no quintal de casa, nem recluso durante os rituais, é preciso entrar na mata, treinar o corpo e os sentidos.

Os ouvidos precisam ser treinados para escutar os sons que os animais emitem na mata. Os olhos precisam estar atentos às pegadas deixadas no chão, podendo identificar os animais de grande e pequeno porte, e se eles estão circulando naquele local específico. É importante saber reconhecer o local da caçada para não se perder na mata, e ter uma mira certa: um tiro errado pode espantar todas as caças das proximidades. O olfato precisa estar apurado, pois os animais exalam odores que servem para afastar seu predador e, nesse caso, para reconhecer uma presa. As mãos precisam ser firmes para o manuseio de armas de fogo (espingardas), facas e facões⁵. O corpo todo precisa estar educado para construir a percepção sensorial, indispensável para os povos da floresta. Para Ingold (2008) a percepção pode ser cultivada como qualquer outra habilidade, por meio de treinos e práticas, inseridas em um ambiente específico.

A habilidade é um processo de habilitação (INGOLD, 2010). O que é apreendido das gerações anteriores é uma educação da atenção que é acrescida de novas práticas e não um acumulado de representações das gerações passadas. As habilidades são conhecimentos que só circulam no campo da prática. Quando uma criança Gavião desperta o interesse em alguma prática e demonstra habilidade, ela passará pela educação da atenção dos pais ou outros membros da comunidade, melhorando, assim, aquela pessoa que constituirá esse saber. Este tipo de conhecimento segue na contramão dos conhecimentos científicos, pois se aprende fazendo, e só depois se ensina.

Ingold (2008) reforça a importância da percepção sensorial para a construção dos processos de aprendizagem e das pedagogias nativas. A realidade é percebida com o corpo todo e não somente com alguns sentidos que priorizamos, ele ressalta o equilíbrio do tato com as demais formas de percepção, deixando claro que nenhum sentido é mais

5. Para os Xikrin o aprendizado depende primeiro do desenvolvimento dos sentidos, como olhos e ouvidos que recebem adornos e tratamentos especiais além dos resguardos necessários para o pleno desenvolvimento dos órgãos. Entre eles o ouvir abrange habilidades e capacidade de compreensão, é necessário muito mais do que olhar para aprender é preciso refletir para compreender, o jovem aprendiz deve “ouvir” atentamente o que observa e deve refletir sobre o que vê” (COHN, 2005, pp. 497).

importante que outro, entre organismo e ambiente, “perpassando as fronteiras entre cérebro, corpo e mundo” (INGOLD, 2008, p. 02).

O que chamamos tão corriqueiramente de relações sociais, Ingold (2015) classifica como relações ecológicas, pois, dentro da perspectiva de habitação, os seres humanos existem como organismos/pessoas que constituem um mundo habitado por seres de múltiplos tipos (não-humanos, espíritos e seres humanos). Esse sistema de representações e símbolos é baseado no que Viveiros de Castro (2015) conceituou como perspectivismo ameríndio, em que essas relações sociocosmológicas entre humanos e não humanos são integradas. Essa personitude perspectivista (VIVEIROS DE CASTRO, 2015) se revela mais claramente ao pesquisador no momento das expressões ritualísticas, onde esse sistema complexo de pensamento é vivenciado em sua plenitude. No caso do povo Gavião, os seus rituais trazem todos esses elementos reafirmando assim suas relações internas e a sua rede de relações com outros povos (principalmente, Timbira) fortalecendo seu *ethos* na língua materna, na pintura corporal, na confecção de artesanatos, nas cantorias, no seu sistema de trocas e na constituição do ser Gavião como pessoa.

A caçada é uma prática presente entre o povo Gavião, exclusivamente realizada por homens e baseada no treinamento dos sentidos. Ela pode acontecer durante o dia ou a noite e pode ser nas proximidades dos brejos ou na mata. Assim como os humanos, os animais procuram alimento e água, então é assim que esse povo define os locais de caça. Na maioria das vezes a caçada é feita em grupo e, em alguns momentos considerados menos perigosos, pode ser realizada por um indivíduo sozinho.

Uma técnica muito utilizada pelos Gavião é a varrida, que é um caminho que é varrido e limpo pelos caçadores a fim de que eles possam andar descalços sem fazer barulho, já a presa é ouvida atentamente nos arredores através dos estalos das folhas e galhos. Bandeira Gavião nos relatou que:

Tatu corre e para, corre e para então na mesma hora já sei que é tatu, só que se espantar tatu ele corre rápido e ninguém pega. Já peba e paca eles são devagar dá para pegar até com a mão. Mateiro vem comer fruta e a gente vê lá de cima da árvore e mata com espingarda, aí a gente desce pega veado e leva para cima, para outros bichos não comerem.

Há, portanto, outra técnica de caçada: a subida nas árvores frutíferas, onde os caçadores esperam os animais que saem em busca de alimentos. Nestes casos os caçadores sobem nas árvores e montam um jirau para dar suporte, apoiando em cima desse jirau os materiais que auxiliam na prática da caçada. Armam ainda suas redes nos galhos, para aguardar até as caças aparecerem. A essa técnica denominam caça de espera. Os caçadores sobem nas árvores por medo de cobras e pequenos animais venenosos. Outra

técnica de caçada é a disposição de armadilhas nas estradas próximas de algumas roças, para pegar animais de pequeno porte.

Para o povo Gavião, ser um bom caçador é sinônimo de cumprir os resguardos e algumas regras referentes a essa prática. Não é permitido matar animais em demasia, apenas o suficiente para suprir as necessidades mais imediatas. Os resguardos evitam que os caçadores sejam vistos ou sentidos por estes animais, reiterando a crença na capacidade agentiva dos seres da floresta, inclusive os não-humanos. Melo (2017) destaca a agência destes animais sobre os caçadores pois, quando comem a sua carne e quando caçam, esses caçadores podem adquirir as características do animal. É um processo que pode levar à morte do caçador ou de algum familiar, “a quebra desses resguardos pode ser paga com a própria vida” (MELO, 2017, p.319).

As aprendizagens construídas no resguardo do caçador serão apresentadas ao homem quando se tornar um caçador de fato, depois de completar seu rito de passagem. Muitas vezes levam anos até que o homem, depois de completar seu ritual, desperte o interesse pela caçada. A partir de então é apresentada uma série de restrições que este caçador deve cumprir para que seu objetivo seja alcançado. Esses ensinamentos são transmitidos pelos próprios caçadores e pelos anciãos da Aldeia, antes, durante e depois de uma caçada.

Sobre os resguardos dos caçadores é proibido a estes praticarem ato sexual antes das caçadas, o cheiro do sexo pode espantar os bichos, nem comer comida transformada pelo fogo, somente comida crua ou com poucos processos como a farinha. É necessário deitar e acordar cedo e não se deve comer as vísceras de nenhum bicho. Para ajudar o caçador a ter bons resultados em sua caçada é utilizado um banho de ervas preparado pelas mulheres.

O descumprimento das regras relacionadas à conduta do caçador leva ao fracasso dessa empreitada, podendo o caçador sofrer essa inversão e, em vez de predador, se tornar uma presa (MELO, 2017). A contaminação pelo sexo pode levar à morte do caçador ou de algum parente próximo. Não são todos os pais que colocam os filhos para caçar ao sair do Ceveiro (*Ēhɟreere*), pois eles têm medo de que seus filhos não cumpram esse rigoroso código de conduta e cheguem a falecer. Somando-se a isso, nos últimos anos, esse povo vem sofrendo com a escassez de caça devido às queimadas recorrentes, levando a um desinteresse dos mais jovens por essa prática que envolve uma gama de aprendizagens Gavião.

Essas aprendizagens independem de serem caçadores, são indispensáveis para os povos da floresta, que vivem em harmonia com o ambiente. Quando é chegado o momento

de passar pelos rituais de passagem Gavião, Ceveiro (*Ĕhjcreee*) e Esteira (*Ruruut*), os meninos seguem recebendo ensinamentos dos anciãos sobre os comportamentos para forjarem um corpo duro, que envolve educar o corpo para entrar e sair da mata ileso. Ao final do Ceveiro (*Ĕhjcreee*) os meninos recebem uma lança, símbolo do caçador e tem um prazo de um mês para matar alguma caça. Se o garoto tiver êxito ele é considerado um caçador e segue para os demais ensinamentos sobre resguardos e todo um conjunto de regras que ele deverá cumprir. Caso o menino não consiga matar nenhuma caça ele é considerado inapto para a caçada.

Esses processos de aprendizagens estão ancorados nas duas formas de aprender e ensinar do povo Gavião: o saber-ouvir e o saber-fazer. Analisar a prática das caçadas é entender a fabricação do corpo de um bom caçador. Este será constituído de um treinamento no e para o corpo, pela utilização dos sentidos, aprendendo pela experiência do saber-fazer e do incorporar, por meio dos resguardos que incluem proibições e dietas alimentares.

Os conhecimentos sobre caçada e seu processo de aprendizagem, permeado pelas formas nativas de aprender, demonstram a importância de um corpo treinado, constituído de uma percepção sensorial que possibilitará o sucesso para viver em harmonia com o ambiente, seja com animais, plantas e seres não-humanos, habitantes das florestas. Os seres da floresta são tratados com extremo respeito, pois para os Gavião, ele mesmo é um ser, ou parte constituinte desse ser, uma vez que recebem seus nomes e, portanto, suas características. Esse conhecimento Gavião está fundamentado na percepção através dos sentidos, não se baseia na matéria-prima e sim em uma forma de conhecimento experiencial, empírica, geralmente desprezada pelos cânones das ciências sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo nos esforçamos por revelar os processos de aprendizagens do povo Gavião/Pyhcop Catiji envolvidos nos resguardos e na caçada. No decurso da pesquisa descobrimos duas formas de aprender que são entrelaçadas na construção e circulação de suas aprendizagens: a primeira é baseada na transmissão de conhecimento via oralidade, nos termos nativos *manpex*; a segunda está fundamentada nos processos de aprendizagem do saber-fazer, da experiência através dos sentidos e percepções – *ahimpex*. A incorporação dessas aprendizagens passa pela construção do e para o corpo.

Os Gavião constroem suas formas próprias de aprender e ensinar, com ênfase nas particularidades de cada indivíduo, que, desde seus primeiros anos de vida, é direcionado a produzir sua autonomia na coletividade. Assim, desenvolvem suas habilidades corporais

e começam a demonstrar interesse por alguns aprendizados. Esse é o saber-fazer, o aprendizado construído pela experiência, associado ao saber ouvir, que é construído e melhorado pela oralidade.

Ora, não acreditamos que a oralidade e a experiência sejam vias para o conhecimento opostas, mas que elas se complementam: os processos que perpassam a oralidade não excluem o saber-fazer, pelo contrário, os segundos repousam no primeiro. A oralidade e o saber fazer entre os Gavião se entrelaçam a todo momento. Eles aprendem a fazer na medida em que escutam dos mais velhos as formas certas de produzir, no corpo ou para o corpo, e melhorar até que se consiga chegar à excelência exigida.

Afirmamos a partir dos conceitos próximos, da nossa experiência e dos termos nativos, que o saber-fazer precederia a importância da oralidade, no sentido de que o indivíduo faz, sabe como fazer e a partir da oralidade ele conserta, melhora. A literatura das ciências sociais ao opor a oralidade à experiência, não considera a experiência da oralidade, nem a aprendizagem através dos sentidos na oralidade, o sentido do ouvir, o saber-ouvir. Não considera o processo de aprendizagem do ouvir, do escutar e do narrar, nem a experiência *na* e *da* oralidade. Entre os Gavião o saber-ouvir e o saber-fazer se complementam e é através desta relação entre a oralidade e a experiência que eles seguem “construindo” a pessoa.

REFERÊNCIAS

ADUGOENAU, F. R. (2015). *Saberes e fazeres autóctones do povo Bororo: contribuições para a educação escolar intercultural Indígena*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, MT.

ALVARES, Myriam Martins. (2012) Criança e transformação: os processos de construção do conhecimento. In: TASSINARI, Antonella M. Imperatriz; GRANDO, Beleni Saléte; e ALBUQUERQUE, Marcos Alexandre dos Santos (Org). *Educação indígena: reflexões sobre noções nativas na infância, aprendizagem e escolarização* - Florianópolis: Ed. da UFSC.

ARAÚJO, K. S. (2021). *Melhorando Pessoas: processos de aprendizagens entre os Gavião Pyhcop Cati Ji*. Dissertação de mestrado - Programa de Pós- Graduação em Sociologia (PPGS), Universidade Federal do Maranhão.

AZANHA, G. (1984). *A forma timbira: estrutura e resistência*. São Paulo. Dissertação de Mestrado apresentada na FFLCH da USP.

BARTH, F. (2000), *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra capa livraria.

COHN, C. (2005), *Antropologia da Criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Coleção Passo a Passo; 57).

- GAVIÃO, P. B. (2017), *Pyhcop Cati Ji Pehxcreh Jäärên*. in: NAZARENO, Elias & DIAS, Luciana de Oliveira (Orgs.). *Coleção conhecimentos indígenas na UFG: povo indígena Pyhcop Cati Ji – Gavião*. v. 10, Goiânia: Editora da Imprensa Universitária.
- GIRALDIN, O. (2018), “Educação Escolar e Educações Indígenas: Reflexões Epistêmicas”. *Articulando e Construindo Saberes*. Goiânia, v.3, n.1, p. 187-195.
- INGOLD, T. (2015), *Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes.
- INGOLD, T. (2000), *The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill*. London: Routledge.
- INGOLD, T. (1995), “Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano”. *Ponto Urbe* [Online]. Disponível em <http://journals.openedition.org/pontourbe/1995>. Acesso em 3 de agosto de 2020.
- MELO, M. (2017), *O nome e a pele – nomeação e decoração corporal Gavião (Amazônia Maranhense)*. Tese de Doutorado - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais/CCH. Universidade Federal do Maranhão.
- MIRANDA, S. (2009), *Aprendendo a Ser Pataxó: um olhar etnográfico sobre as habilidades produtivas das crianças de Coroa Vermelha, Bahia*. Dissertação de mestrado - Programa de Pós- Graduação em Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia.
- RODRIGUES, J. C. (2006), *Tabu do Corpo*. 7ª Ed. Rio de Janeiro: FioCruz.
- SEEGER, A. DAMATTA, R. & CASTRO, E. V. 1979, “A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras”. *Boletim do Museu Nacional, Série Antropologia*, n. 32, pp. 2-19.
- SOUSA, Emilene Leite de. *Umbigos enterrados: corpo, pessoa e identidade Capuxu através da infância*. Ed. UFSC, 2017.
- _____. “Na nossa cultura ninguém dança sozinho”: a escola, os saberes indígenas e a noção de coletividade. *Articul. constr. saber.*, Goiânia, v.2, n.1, p. 286, 2017.
- _____. *Sociedade de marcação: Corpo, conhecimento e experiência na infância Capuxu*. *Latitude*, Vol. 10, nº 2, pp. 321-351, 2016.
- TASSINARI, A. M. I. (2015) “*Produzindo corpos ativos: a aprendizagem de crianças indígenas e agricultoras através da participação nas atividades produtivas familiares*”. In *Revista Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 141-172, jul./dez.
- TASSINARI, A. M. I. (2009) *Múltiplas Infâncias: o que a criança indígena pode ensinar para quem já foi à escola ou A Sociedade contra a Escola*. *Anais do 33º Encontro da ANPOCS*, Caxambu.
- TASSINARI, A. M. I. (2001), “*Escola Indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação*”. In: SILVA, A. L.; FERREIRA, M. K. L. (orgs). *Antropologia, História e Educação: a questão indígena e a escola*. 2. ed. São Paulo: Global.
- VASCONCELOS, V. C. C. (2011), *Tramando redes: parentesco e circulação de crianças Guarani no litoral de Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social - PPGAS/Universidade Federal de Santa Catarina.

VIVEIROS DE CASTRO, E. (2002), *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac & Naify.

VIVEIROS DE CASTRO, E. (2015), *Metafísicas Canibais. Elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac & Naify.